



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no lançamento de Programa de Regularização Fundiária em Favelas

Memorial da América Latina, São Paulo – SP, 08 de abril de 2003

Quero cumprimentar a companheira prefeita Marta Suplicy, e a todos os companheiros da Mesa, os secretários, os ministros e os nossos visitantes.

Quero dizer a vocês que eu estava ouvindo a Marta falar, ouvindo os números que ela citou, aqui, e a minha memória começou a viajar. Eu não nasci Presidente da República, eu estou Presidente da República. Eu morei muito tempo na Vila Carioca, aqui, em São Paulo. E a Vila Carioca era famosa pelas enchentes. Eu trabalhava no Armazém Colúmbia, na Presidente Wilson e morava numa travessa da Ouro Verde com a Vemag. Chovia, eu ia trabalhar e não conseguia entrar, porque o Armazém se enchia de água.

Depois, em 1962, eu pensei que ia melhorar de vida e mudei para Ponte Preta, divisa com São Caetano. Fui morar num lugar com umas casinhas bonitas, do BNH. Era a casinha mais nova em que eu já tinha morado na vida. Era uma casinha geminada, bonita mesmo. Só que eu não me dei conta de que ela ficava abaixo do nível do Rio Tamanduateí. Conclusão: no primeiro ano, 80 centímetros de água dentro de casa; no segundo ano, 1 metro e 30 de água dentro de casa.

Eu pensei que ia melhorar, porque meu irmão, Frei Chico, foi para Pernambuco, ganhou um prêmio num bingo e voltou para São Paulo. Compramos uma casa na Vila São José, em São Caetano, do outro lado da Ponte Preta. Só que não havia asfalto, o terreno era um pouquinho mais alto. Falei: “Bom, agora vou morar num lugar que não tem enchente”. No primeiro ano em que mudei, 1 metro e meio de água dentro de casa.

Qual o problema? É que, quando se tem 20 anos de idade, isso não é muito problema para a gente. Porque eu, por exemplo, quando ocorria enchente, às vezes acordava às 11 horas, à meia noite, à 1 hora da manhã, com água molhando os



calcanhares, baratas disputando espaço com ratos. A nossa preocupação era evitar que os móveis se estragassem. Pena que eu não tinha muitos. Nem televisão e geladeira eu tinha. Mas a gente tinha que levantar cama, guarda-roupa, sair com a minha mãe, com 60 anos, carregando-a no colo, para não deixar a querida velhinha sofrer mais.

E, depois, como a gente era moleque, até gostava daquele movimento, porque ia todo mundo para um clube chamado Ponte Preta e, lá, a gente transformava o sofrimento numa festa. Nós, os mais novos, dançávamos, brincávamos, jogávamos pingue-pongue. Os mais velhos ficavam lamentando a má sorte.

Mas, eu ainda saía, a gente tinha um grupo de companheiros, que pegava câmaras de pneus de caminhão, enchia, e saía, visitando casa por casa, para ver se tinha alguém para a gente ajudar: para levantar geladeira, para levantar fogão, para tirar pessoas idosas. Ou seja, nós conseguíamos transformar aquele sofrimento numa festa, para quem tinha 20 anos.

Mas eu sei o que sofriam as pessoas. A cada chuva, a gente colocava uma madeira a mais no batente da porta, colocava um caminhão de terra a mais. E a cada chuva que vinha a gente aumentava mais a terra. A prefeitura não dava nada. Eu lembro que uma vez a prefeitura de São Caetano, muito bondosa, deu uns colchões de capim para a gente. Como pobre está habituado à teoria de que é melhor pingar do que secar, entre dormir no chão gelado e num colchão de capim, o colchão de capim virou uma coisa fantástica.

Eu estou dizendo isso, para que vocês saibam exatamente que eu sinto o que muita gente sente hoje. Eu, quando vejo na televisão a imagem de uma enchente, me lembro do passado. Hoje, as enchentes acontecem nos lugares que têm asfalto. No meu tempo não havia asfalto. Eu morei no Parque Bristol. Quem conhece? Morei na Rua Verão, nº 10. Eu descia a rua da padaria. Quando chovia, a gente se sujava. De casa para o ponto de ônibus a gente já chegava sujo, tal era o barro vermelho. Não havia guia, não havia sarjeta, não havia um metro de espaço para se pisar. Por



isso é que eu digo sempre: quem nasceu no tempo do asfalto não sabe o valor de uma simples guia. Não sabe a alegria que se sentia, quando a prefeitura deixou colocar a guia e a sarjeta para a gente passar, dando trombada, mas sem pisar no barro.

Qual é o compromisso que nós temos? O nosso compromisso não é um compromisso eleitoral. Eu não nasci na eleição. A eleição foi a consequência de um processo de vida que vem de muitos e muitos anos. Vocês têm tanta importância para a minha eleição, ou mais, do que eu mesmo.

Por que temos a responsabilidade de não falharmos com vocês? É porque se falharmos não estaremos negando apenas um mandato, estaremos negando uma história de vida em que nós acreditamos durante tantos anos. Quanto sofrimento cada um aqui já passou acreditando que alguma coisa melhor pudesse acontecer.

Nós fizemos com a comunidade o Projeto Moradia. Depois fomos agraciados com a aprovação, na Câmara Federal, do Estatuto das Cidades. Depois tomamos posse e eu criei o Ministério das Cidades. E agora nós estamos começando a trabalhar. Estamos colocando as coisas no lugar. O Ministério nem existia. Ele foi criado agora. Faz poucos dias que completamos a estrutura do Ministério. E, agora, precisamos “arrumar a casa”, no que diz respeito ao dinheiro para a gente poder fazer o que tem que ser feito.

Mas já fizemos algumas coisas importantes. Eu anunciei, no encontro com os prefeitos, a liberação de 1 bilhão e 400 milhões de reais para investimento em saneamento básico.

O ministro das Cidades, Olívio Dutra, sabe da definição das minhas prioridades. Eu tenho dito aos meus companheiros sobre a minha preocupação com o déficit habitacional.

Eu disse ao companheiro ministro Guido Mantega que o IPEA e o IBGE vão ter que fazer pesquisas para a gente trabalhar com números mais corretos neste país, para termos dados mais confiáveis. Às vezes, nós trabalhamos com números de 1990, 1995. É preciso atualizar para que possamos ter os dados corretos. Mas



vamos atualizar. Eu tenho dito para os companheiros: se a gente não pode fazer tudo, temos que cuidar de quem está pior, ou seja, vamos acabar com as palafitas neste país. A palafita é um processo de degradação da moradia, porque quem mora numa favela ainda está com o pé no chão, mesmo que seja um barranco. Mas quem mora numa palafita está em cima da água.

Eu tive oportunidade de ir à Bahia e ver uma mulher que tinha caído da palafita. Estava com uma estaca de mangue enfiada na barriga. Essa estaca matou o filho dela. E essa mulher estava lá, quase aleijada. Nós não podemos deixar as pessoas morando assim.

Depois, nós temos que atacar a questão de quem mora nas encostas, quem mora em áreas de risco. Não é possível. As pessoas, às vezes, moram em lugares que elas sabem que são inadequados, mas não têm recursos. Vocês viram aquele companheiro que perdeu seis filhos em Belo Horizonte, morando numa encosta. Depois do drama que aquele homem passou, soube-se que ele tinha recebido uma casa da Prefeitura, mas havia vendido. É por isso que cada vez fica mais evidente que os documentos devem ser entregues para as mulheres, para as mães, que agem com mais responsabilidade. Nós, homens, precisamos nos curvar. A mulher tem mais responsabilidade de que nós no trato da própria família, e dos próprios bens.

Então, nós vamos ter que começar a cuidar de quem está pior, porque o cidadão que não tem uma casa, mas ainda pode pagar um aluguel, este ainda pode esperar um mês, dois meses, três meses. Mas outros não têm nada e não ganham para pagar. Se a prestação for 20 reais, não podem pagar. Esses cidadãos também têm o direito de morar. Eles não podem ficar na rua. E o Estado é que tem que dar condições para essas pessoas morarem. Não tem jeito. Se o Estado tem dinheiro para financiar grandes grupos econômicos, que eu acho que tem que financiar quando precisa gerar empregos, nós temos que ter dinheiro para financiar a habitação para as pessoas que não podem pagar. Isso não é nenhum crime, não é nenhum erro, é uma necessidade de cumprir o que está na Bíblia, na Constituição,



na Declaração Universal dos Direitos Humanos e na ética que permeia a nossa ação política desde que nós começamos a fazer política.

Eu quero, Marta, lhe dar os parabéns, porque sei o significado de uma pessoa receber um papel e passar a ter residência fixa, passar a ter conta de luz, conta de água. Às vezes não pode nem pagar, mas só de ter já é uma coisa fantástica. Isso chama-se cidadania. Cidadania é a pessoa dizer: “Eu moro em tal lugar”. Eu descii um morro, em São Bernardo, esses dias, com o Vicentinho. No dia em que algum prefeito, lá, colocar um paralelepípedo, não sabe o bem que vai estar fazendo para esse povo.

Eu acho que nós temos que ter em conta que a ocupação desordenada da cidade é uma conjunção de vários fatores, Olívio. Eu sobrevoei de helicóptero a cidade de São Paulo, com a Marta, antes de ela ser eleita prefeita. Se eu pudesse, um dia, levar todo mundo de helicóptero para ver essa cidade de cima!

Esta cidade foi ocupada de forma desordenada. E eu diria que muita gente foi induzida, por irresponsáveis, a ocupar sem saber o mal que ia sofrer logo em seguida. Porque, se a gente tiver condições de acompanhar as ocupações, a gente tem condições de evitar que males maiores aconteçam. Não há mais terreno para se comprar, na Grande São Paulo.

Então, ocupa-se área de manancial, encosta de morro. Porque ninguém dá alternativa. Antigamente, a gente comprava um terreninho, hoje não tem mais.

Marta, o fato de você levar para esses lugares, escola de qualidade e cultura, vai mudar a vida dessa gente. Porque, na hora em que as pessoas começam a perceber que têm chance, que esse sonho pode ser realizado, as coisas vão acontecendo.

Eu quero que vocês saibam o seguinte: o passo que a prefeitura de São Paulo está dando, hoje, é um passo muito significativo. Muito! Eu espero que a gente consiga fazer isso em outras áreas do Brasil, porque eu já não agüento mais: toda vez que chove, Petrópolis tem desmoronamento. No entanto, nós sabemos que temos que cuidar disso antes das chuvas. Nós sabemos onde há áreas de risco e



precisamos atacar antes.

Companheira Marta, eu disse ontem, lá no Instituto Butantã, e vou repetir agora, e eu quero pedir perdão a quem não for de São Paulo: todo e qualquer dinheiro que o governo federal investir em São Paulo, não estará favorecendo apenas a cidade, porque São Paulo é uma cidade nacional e mundial. Porque, pela cara, eu estou vendo: temos muitos nordestinos, aqui, em São Paulo. Temos também japoneses, italianos, espanhóis, portugueses e até pernambucanos.

Então, Marta, pode ficar certa, tudo o que pudermos fazer para ajudar esse povo de São Paulo a ter um pouco mais de dignidade na sua vida, nós não mediremos esforços. Vamos fazer, para todo o Brasil. Mas eu acho que São Paulo não pode, pelo que representa para o Brasil, ser penalizada pela sua grandeza. Eu acho que todos nós, brasileiros, mesmo os que nunca vieram a esta cidade, temos uma dívida de gratidão para com o que São Paulo fez por este país.

Marta, eu acho que esse povo é agradecido pelo que você está fazendo. Não fique preocupada com a questão dos transportes, não. Você só não tem que ceder. Empresário mau caráter tem que ser banido do transporte urbano de São Paulo. Não pode ficar.

Nós estamos preparados para lidar com empresários, para fazer reuniões, debates, para ganhar e para perder, e para fazer concessões. Agora, o que nós não queremos é negociar com gente que age como bandido com o povo, sem respeito ao povo. Então, saiba que, além do apoio do Ministério das Cidades, você tem o apoio e a solidariedade do Presidente da República.

Muito obrigado.

/mcpro/rsm